

CENTROS DE ENSINO DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO A PARTIR DO(A) CECINE, A COORDENADORIA DE ENSINO DE CIÊNCIAS DO NORDESTE

Marta Maria Maurício Macena

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba (IFPB)
marta@ifpb.edu.br*

Ascendino Flávio Dias e Silva

*Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
ascendinosilva@uol.com.br*

Antonio Vicente Marafioti Garnica

*Universidade Estadual Paulista (UNESP)
vgarnica@fc.unesp.br*

Resumo:

O desejo de ampliar o estudo a respeito dos Centros de Ensino de Ciências (CECI's), criados na década de 1960 em seis estados brasileiros, foi provocado pelos estudos realizados a partir de relatos dos professores-colaboradores em uma pesquisa de natureza historiográfica realizada na cidade de João Pessoa (PB) sobre o ensino de Matemática para o nível secundário; também, quando se tomou conhecimento de que três desses CECI's ainda exercem suas atividades de maneira bem próxima a de quando foram criados; e que, atualmente, os CECI's são tema de muitas pesquisas. Para desenvolver tal estudo, a investigação está partindo do que se conhece a respeito do Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (o CECINE), hoje, Coordenadoria de Ensino de Ciências do Nordeste (a CECINE), que disseminando seus fundamentos, deu origem a outros Centros pelos estados nordestinos. Essa investigação ainda se encontra em andamento.

Palavras-chave: Formação de Professores; Centros de Ensino de Ciências; CECINE; História da Educação Matemática.

1. Introdução

A fim de saber a respeito do ensino matemático, nível médio, em tempos passados, foi iniciada, na cidade de João Pessoa, uma pesquisa que teve como principal fomento os relatos de doze professores que atuaram em escolas secundárias nas cercanias da década de 1960, pois, entre as décadas de 1950 e 1970, num contexto próprio desse período, houve acentuada expansão e aperfeiçoamento do ensino profissionalizante, do ensino médio e do ensino superior.

Para Buffa e Nosella (2001, p. 117) “as questões pedagógicas e políticas nunca estiveram tão ligadas como no início dos anos 60”. Um exemplo disso está na mobilização das massas com respeito ao direito de voto e à necessidade de alfabetização, enquanto cerca de 50% da população brasileira era analfabeta. Portanto, num clima político-ideológico, “intelectuais, políticos e estudantes envolvidos com movimentos de educação e cultura popular da época visavam à conscientização do povo para sua ativa participação na vida política do país” (BUFFA; NOSELLA, 2001, p. 118). Segundo Dias (2007), as décadas de 1960 e 1970 também se destacaram com relação à História da Matemática em âmbito mundial.

Assim, os professores entrevistados para tal pesquisa, com uma visão a partir de pressupostos do presente e fiéis ao que estava constituído e se constituindo em suas memórias, trouxeram à tona um tanto de eventos educacionais em conexão com o período e o tema determinado, e forneceram pistas para diligentes investigações.

Referências às urgências educacionais que sempre conduzem às improvisações governamentais são evidentes nesses relatos. Esta temática, sobre momentos educacionais críticos exigindo cuidados emergenciais, é pano de fundo de muitos estudos que questionam a implantação de políticas públicas eficazes e duradouras, pois, numa descontinuidade, frequentemente são iniciadas e testadas práticas imaginadas novas, quando se deveria dar continuidade às práticas bem sucedidas recheando-as de novos fazeres.

Portanto, em meio às propostas de melhorias e mudanças no sistema educacional brasileiro dessa época, os professores-colaboradores foram minuciosos a respeito da criação e atuação dos Centros de Ensino de Ciências (CECI's) – criados de acordo com os pressupostos do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC). O IBECC, estabelecido no Rio de Janeiro em 1946, como uma comissão da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil, objetivava modernizar o ensino de ciências no nível secundário, atuava na produção de material didático e *kits* de ciências; na promoção de congressos, concursos e feiras de ciências estaduais e locais; nos laboratórios volantes para demonstrações práticas nas escolas; nos programas de televisão. Mas, de acordo com Antonio Abrantes (2008, p. 131), “o projeto de maior alcance e repercussão social empreendido pelo IBECC foi conduzido pela

Comissão Paulista”, estabelecida em março de 1950, com sede inicial em um galpão do campus da Universidade de São Paulo (USP), sendo todos os membros da primeira diretoria professores catedráticos dessa universidade (ABRANTES; AZEVEDO, 2012).

A criação da Comissão do IBEC em São Paulo reuniu elementos da intelectualidade local interessados no tema da educação e cultura, dentro das propostas da UNESCO e que seguia as mesmas orientações do Instituto no Rio de Janeiro: cientistas que percebem no IBEC um elo de intermediação para a realização de suas propostas de institucionalização da ciência. A ação em São Paulo, no entanto, tomara um rumo mais pragmático do que o observado no Rio de Janeiro, ao concentrar suas atividades na área de educação formal e informal voltadas ao público jovem do ensino de nível secundário. O programa de educação do IBEC no Rio de Janeiro, por outro lado, tinha suas ações na área de educação popular dirigidas à alfabetização de adultos. O IBEC/SP incorporava esse conceito de educação dentro das propostas de divulgação científica que assumiam um significado mais amplo do que as ações até então desenvolvidas nessa área. Isaías Raw, com o apoio do presidente do IBEC/SP, Paulo Mendes da Rocha, conseguia imprimir um vigoroso impulso a tal agenda, pondo em prática um conjunto de ações, seja na área de feiras, exposições, clubes ou concursos de ciência, muitas das quais já idealizadas por José Reis na década anterior (ABRANTES, 2008, p. 132).

Em convênio com secretarias estaduais de educação, universidades e agências de fomento, desenvolvendo projetos para cursos, estágios, seminários, palestras, livros didáticos e boletins, esses CECI's, com caracteres semelhantes aos do IBEC, tinham como principal objetivo “renovar o ensino secundário das disciplinas científicas, isto é, Matemática, Física, Química, Biologia e Ciências, por meio, principalmente, mas não exclusivamente, de um programa de treinamento e aperfeiçoamento de professores” (FREIRE; DIAS, 2010, p. 365), enfatizando, na sua metodologia, a experimentação como proposta de mudança para o ensino daquela época.

2. Os seis CECI's

Inicialmente, entre 1963 e 1965, os CECI's foram implantados, com verbas federais, em seis estados brasileiros:

- Pernambuco: Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE) – sendo foco deste artigo, os comentários a respeito do CECINE serão feitos mais adiante;
- Rio Grande do Sul: Centro de Ciências do Rio Grande do Sul (CECIRS), inicialmente como Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Rio

Grande do Sul, foi criado em 1965 através de um convênio envolvendo a Secretaria de Educação do Estado, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), entretanto, estranhamente não houve participação da UFRGS conforme os relatos e escritos dos professores que fizeram o CECIRS funcionar. O relato da história do CECIRS é feita por ex-professores da Secretaria de Educação do Estado que viveram e fizeram a trajetória do órgão e, além disso, resistiram a sua extinção efetivada em 2000. Os professores pertenciam à rede estadual de ensino e, posteriormente, se qualificaram e passaram a exercer atividades de ensino e pesquisa na PUCRS. Graças a estes foi possível constituir a trajetória do CECIRS e seu final agonizante. Dentre os outros, é o Centro que apresenta uma história mais conflitante em razão da forma de sua extinção, pois toda dificuldade do CECIRS para se manter vivo foi de natureza política. Nos anos de sua existência, pelo fato de ser vinculado ao Governo do Estado ficou excessivamente vulnerável às mudanças na governança estadual. A incompreensão por parte dos gestores da Secretaria de Educação foi certamente o fator crucial para a extinção do órgão que aconteceu sem o Governo assumir oficialmente essa determinação (BORGES; SILVA; DIAS, 2012);

- São Paulo: Centro de Ciências de São Paulo (CECISP), inicialmente funcionou como Centro de Treinamento para Professores de Ciências de São Paulo. Esteve estreitamente vinculado ao órgão que o precedeu, o IBECC, ficando até instalado numa sala do prédio onde este funcionava. O CECISP foi criado em 1965 por meio de um convênio entre o MEC, a Universidade de São Paulo e o IBECC/SP;
- Minas Gerais: Centro de Ciências de Minas Gerais (CECIMIG), inicialmente como Centro de Treinamento para Professores de Ciências de Minas Gerais, foi criado em 27 de setembro de 1965 através de um convênio entre o MEC e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em documento de circulação interna à UFMG, “*CECIMIG: história e estrutura*”, o professor João Antônio Filocre Saraiva (diretor e administrador do CECIMIG na década de 1990) afirma que no início o Centro era um programa de atividades da Universidade, mas em 17 de dezembro de 1987, através da Resolução Complementar nº. 03 do Conselho Universitário, o CECIMIG foi incorporado à estrutura da UFMG como

órgão complementar vinculado à Faculdade de Educação. Atualmente o CECIMIG continua em funcionamento com atividades que guardam suas características originais de apoio a melhoria do ensino básico, mas também ampliou suas ações para a pesquisa na área de Educação;

- Rio de Janeiro: inicialmente como Centro de Treinamento para Professores de Ciências da Guanabara (CECIGUA), depois Centro de Ciências do Rio de Janeiro (CECERJ) e atualmente esse Centro constitui a Fundação CECIERJ/CEDERJ (Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro). Foi criado em 30 de novembro de 1965 a partir de um convênio entre o MEC e o Governo do Estado da Guanabara. Assim, sua ligação não foi com universidades como ocorreu com os demais Centros. Tendo mudado sua denominação várias vezes, atualmente, vinculado à Secretaria de Ciência e Tecnologia do Governo, se caracterizado pelo ensino a distância e pelas licenciaturas em ciências e outras para todo o Estado do Rio de Janeiro;
- Bahia: Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA), criado em 17 de novembro de 1965 – convênio entre o MEC e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Segundo o depoimento do prof. André Luis Mattedi Dias¹, da Faculdade de Educação da UFBA, inicialmente “*as atividades na Bahia seriam incorporadas pelo CECINE, mas o engenheiro José Walter Bautista Vidal procurou o Reitor da UFBA e o convenceu a articularem no MEC a introdução da Bahia no projeto dos CECI’s*”. Na Bahia, entretanto, já havia iniciativas anteriores voltadas para o ensino da Matemática sob as lideranças da professora Marta Dantas e do professor Omar Catunda, que haviam organizado, em 1955 o I Congresso Nacional sobre o Ensino da Matemática na Escola Secundária e, portanto, por esses precedentes podem ter impulsionado o Bautista Vidal a não deixar o Estado ficar fora do movimento promovido no MEC (BORGES; SILVA; DIAS, 2012).

Como visto anteriormente, destes CECIS’s, hoje contamos apenas com três (Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Gerais).

¹ Entrevista cedida pelo professor André Luis Mattedi Dias ao professor Ascendino Flávio Dias e Silva em 20 de agosto de 2012, Salvador (BA), para o documentário, em elaboração, “Centros de Ensino de Ciências no Brasil em 1965”.

3. A Educação nas diretrizes da SUDENE

Numa “adesão voluntária dos governadores da região nordestina a um órgão deliberativo regional, que geria recursos do governo central [...] [com participação em] decisões no âmbito nacional, de repercussão na região” (FURTADO, 1999, p. 55), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE²) surgiu para solucionar problemas do ciclo hídrico no Nordeste. Assim, se continuava uma luta que objetivava a quebra do círculo vicioso da pobreza e do atraso em relação ao resto do mundo, a fim de superar as chocantes desigualdades regionais (BUARQUE, 2007).

Pela frequência com que os antigos professores paraibanos, entrevistados por Macena (2013), se referiram à SUDENE, percebe-se que a atuação desta não se limitou às questões que a fizeram nascer. Teresa Albuquerque (1977) traz algum detalhe a esse respeito: ela expõe sobre a organização interna da SUDENE, implementada a partir de 1967, em decorrência do crescente volume de tarefas e atribuições dessa Superintendência. É o caso do “Departamento de Recursos Humanos (DRH), responsável pela coordenação e execução de estudos, pesquisas e investimentos destinados ao conhecimento, avaliação e capacitação dos recursos humanos do Nordeste para as tarefas do desenvolvimento econômico e social” (ALBUQUERQUE, 1977, p. 25). Segundo o professor Carlos Ovídio Lopes de Mendonça, “depois que a CADES³ praticamente saiu do páreo, a SUDENE criou o Departamento de Educação no Departamento de Recursos Humanos. Era o Prof. Dr. Aluísio Monteiro o coordenador” (MACENA, 2013, p. 239), quando os recursos passaram a ser destinados também para a área educacional. Na “Biblioteca Celso Furtado” da SUDENE em Recife (PE) encontram-se os quatro planos diretores desta Superintendência (1961-1963; 1963-1965; 1966-1968; 1969- 1973), também disponíveis no site

² SUDENE – concebida em 1958, mas de fevereiro a dezembro de 1959, pela resistência do Congresso, nem sempre passiva, o projeto para sua implantação arrastou-se de comissão em comissão. Embasada pela política dos incentivos fiscais, essa Superintendência foi instituída, pela Lei 3.692 de 15 de dezembro de 1959, “diretamente subordinada ao Presidente da República, administrativamente autônoma e sediada na cidade do Recife” (BRASIL, 1959, Art. 1º), abrangia nove estados nordestinos e a zona de Minas Gerais que se inseria no Polígono das Secas.

³ Desenvolvida no Brasil até 1971, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), foi instituída pelo Decreto nº 34.638 (14/11/1953), para a formação emergencial de professores secundários (BRASIL, 1953).

<http://www.sudene.gov.br/acervo> (em 12/03/2013). O capítulo IX do I Plano Diretor trata dos “Investimentos ligados à Saúde Pública e a Educação de Base”, ficando claro, entretanto, que o envolvimento dessa Superintendência com a educação esteve presente desde a elaboração de sua primeira diretriz (BRASIL, SUDENE, 1966).

[...] reconhecendo que as populações rurais do Nordeste necessitam ser preparadas para o desenvolvimento, a SUDENE se propõe a realizar, em cooperação com instituições especializadas, experiências pilotos no campo da educação de base. Para esse fim se destinam, em 1961, 10 milhões de cruzeiros (BRASIL, SUDENE, 1966, p. 28).

Como a área de abrangência da SUDENE foi o Nordeste brasileiro, esta – em convênio com a Fundação Ford e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – financiou as instalações e funcionamento do CECINE e, nas dependências da UFPE em Recife (PE), foram construídos dois pavilhões para atender às intenções do Centro recém instituído. “O único que teve sede construída por ocasião dos convênios assinados”⁴ – uma das razões que fez retardar suas atividades, além da transição entre sua criação, em 1963, e os efeitos do Golpe Militar, em 1964, forçando o início de suas ações para 1965. Nesse período de organização, professores realizavam cursos no Sul do País ou no exterior a medida que se construía o prédio.

4. O CECINE: como aconteceu

Segundo Regina Maria Rabello Borges, Ascendino Flávio Dias e Silva e André Luís Mattedi Dias (2012, p. 31), com o objetivo de “promover a melhoria da qualificação de professores do Ensino Básico” e estendendo suas atividades pelos oito estados do Nordeste brasileiro (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe), o CECINE foi o primeiro dos seis CECI’s criados na década de 1960. Na década de 1960 havia disponibilidade de recursos para treinamento e atualização de professores secundários (DIAS, 2008).

Numa avaliação de suas atividades após 47 anos, completados em 15 de janeiro de 2012, Beatriz Silva (2012, p. 117) salienta que “o CECINE foi atuante, não só formando professores, o que ocupou o primeiro terço de sua história, mas também iniciando crianças

⁴ Declaração proferida e digitalizada pelo professor Ascendino Flávio Dias e Silva.

e adolescentes em ciências”. Atualmente, a Coordenadoria de Ensino de Ciências do Nordeste (a CECINE) é um órgão ligado à Pró-Reitoria de Extensão da UFPE (BORGES; SILVA; DIAS, 2012). A mudança de denominação, de “o CECINE” para “a CECINE”, se deve à necessidade de distinção entre essa Coordenadoria e as Unidades Acadêmicas (Centros) da UFPE. Exemplo: Centro de Artes e Comunicação (CAC), Centro de Educação (CE), Centro de Ciências da Saúde (CCS) etc.

O professor Ascendino Flávio Dias e Silva esteve à frente dessa Coordenadoria de 2004 até 2010, daí o seu envolvimento com vários projetos ali desenvolvidos, dentre estes, também os projetos nos quais a CECINE escreve a sua história. Assim foi que a seu convite a jornalista Beatriz Coelho Silva investigou a história do CECINE. Ela diz:

Ao ouvir professores e funcionários do CECINE, constatei ser possível montar um mosaico de seu passado, apesar das falhas da história oral, em que as memórias individuais somadas se complementam, se contradizem e dialogam para amalgamar um discurso coletivo. Não consegui ouvir todas as pessoas que poderiam complementar o mosaico, tarefa da qual pretendo dar conta em breve (SILVA, 2012, p. 118).

A composição de um amalgama a partir dos relatos de experiências individuais do que no momento da entrevista vem à tona dentro dos parâmetros temporais do antes, do agora e do depois – quando as memórias se complementam, se contradizem e dialogam –, de modo algum é algo concebido como uma “falha” ou uma limitação, mas, ao contrário, é algo visto como fonte de possibilidades que disparam tensões aos que mobilizam a História Oral a fim de constituir outro relato no qual os registros daqueles que falaram de si e dos lugares por eles ocupados estão dotados de sentido e significado atribuídos pelo entrevistado, que compõe sua narrativa a partir de várias narrativas (MACENA, 2013).

Considerando as articulações prévias para sua criação, junto com alguns registros pessoais do professor Ascendino Silva, Beatriz Silva (2012) situa a origem do CECINE em 1958, antes do dia 12 de abril de 1961 quando Iuri Gagarin contornou a Terra a bordo de sua Vostok-1 inaugurando as viagens espaciais.

Dando continuidade ao movimento que chamava a atenção para a importância de cientistas liderarem a reforma do ensino básico de Ciências aos jovens, no início dos anos de 1960, o IBECC – UNESCO, Seção de São Paulo, coordenava ações para a capacitação de professores do ensino básico de outros Estados – na época, sob a gestão do ministro professor Darci Ribeiro, estava em vigência o Plano de Emergência do Ministério da

Educação e Cultura. Na apresentação do PSSC, o professor Isaías Raw (1970) conta que Cursos de Verão foram realizados em São Paulo:

Em 1961, enviamos aos EUA um dos elementos de nossa equipe de professores, para participar de um Curso de Verão, através do qual tomamos contato direto com o Curso do PSSC.

Em janeiro de 1962, organizamos o I Curso de Verão no qual foram preparados quarenta professores, hoje liderando o PSSC na América Latina. Na oportunidade, veio a São Paulo, para dirigir o Curso, entre outros professores do EUA, o Dr. Uri Haber-Schaim, do Education al Services Incorporated, entidade que supervisiona o PSSC. O Curso foi repetido em 1963, desta vez com caráter nacional, dirigido por um grupo de professores do Brasil, acrescido de um professor-visitante dos EUA. E, aos poucos, vão se multiplicando os cursos locais, liderados pelos participantes do I e II Cursos de Verão.

Durante esse mesmo tempo, o professor Marcionilo de Barros Lins – ocupando a direção do Instituto de Química da Universidade do Recife –, junto com professores da Faculdade de Medicina, buscaram meios para compreender e sanar as dificuldades do ensino e da aprendizagem do aluno que

já entrava na Escola Superior deformado, e, conseqüentemente, só poderia sair mal formado.

[...] Apareceram e proliferaram como fruto das falhas do mau ginásio e péssimo colégio, os “cursinhos” para preparar o aluno ao vestibular e como professor de Bioquímica sentíamos ser muito pouco a melhoria diante de tais cursos. A Faculdade de Medicina, por decisão do seu diretor de então, prof. Antonio Figueira em face do fracasso dos candidatos ao vestibular organizou em 1957-58, um cursinho tipo pré-médico, contando sem dúvida com os melhores professores da época: Ernesto Silva, Ricardo Ferreira, Antônio de Pádua, Mota Barbosa para citar alguns, mesmo assim a reformulação foi pequena.

[...] Decidimos então incrementar, através do Instituto de Química, com os profs. Ernesto Silva, Francisco Brandão e Ricardo Ferreira, os cursos básicos de revisão, entramos com pedidos sucessivos à Sudene para ajuda, mas não era possível, até que um belo dia o então diretor do DRH, Sr. Nairton Santos, mandou nos chamar dizendo que através do segundo plano diretor havia possibilidade de ajuda para formação de professores de química, biologia, física para o Nordeste pois os colégios reclamavam e ainda reclamam a falta de professores nessas áreas (LINS, 1965, p. 10).

Este é um trecho da entrevista cedida pelo professor Lins ao *Jornal do Commercio* (JC) – em 17 de janeiro de 1965, página 10 – e nessa, em meio a anseios, ele traz à tona como idealizou e levou a efeito a criação do CECINE. Outros trechos dessa entrevista serão aqui considerados.

Em 1963 o Professor Lins aceitou um convite do IBECC e ministrou algumas aulas num “Curso de Verão para Professores de Biologia” em São Paulo. Cursos dessa natureza

tiveram um efeito de “bola de neve”, pois os professores que deles participaram se articulavam nas suas respectivas cidades a fim de que ações similares fossem lá realizadas.

Ainda em São Paulo entramos em contato com o Curso de Química em São José dos Campos, pelo Chemical Bond Approach (CBA), para onde, por sugestão dos profs. Ricardo Ferreira e Ernesto da Silva, convidados que foram como observadores do Curso, enviamos dois bolsistas, Army Wanderley da Nóbrega e Aymar Soriano de Oliveira.

De volta do curso começamos os contatos com o Dr. Hellmann da “National Science Foundation” com escritório no Rio de Janeiro. Intensificamos os contatos com o IBECC de São Paulo, obra notável de um professor universitário Sr. Isaiás Raw, que marca sem dúvida a revolução do ensino das ciências entre nós, e achamos que de volta precisávamos ministrar aulas, semelhantes às recebidas em São Paulo, àqueles que não tiveram oportunidade de lá estarem.

Com o auxílio da Sudene, decidimos então realizar no Nordeste os primeiros cursos: o de Química e Biologia no Recife, Física na Bahia e Química e Matemática no Ceará. A Sudene forneceu todo equipamento adquirido no IBECC de São Paulo e doou esse equipamento aos participantes.

Daí ficamos sempre pensando em repetir os cursos e chegamos ao diagnóstico desejado – a culpa não era dos alunos e sim dos professores de Ciências que, sem recursos, sem chance, sem laboratórios, não estavam em condições de se atualizarem.

[...] Os cursos foram um sucesso, os primeiros participantes passaram e escrever pedindo novos cursos com desejo de aprender e melhorar. Buscamos a ajuda da Fundação Ford; levamos cerca de 2 anos discutindo o mecanismo da ajuda até que um dia ouvimos de um de seus representante no Brasil, o Sr. George Little que o Sr. Carlson, chefe do escritório da Fundação, mandara estudar o projeto de um órgão congênere ao IBECC no Nordeste.

A Sudene recebeu a sugestão como a melhor possível. Teríamos que discutir o mecanismo de ação; procuramos mostrar a importância de integrar as Universidades no programa, pois a lei de diretrizes prevê os colégios universitários, órgãos chave para o início de tão almejada reformulação do ensino das ciências.

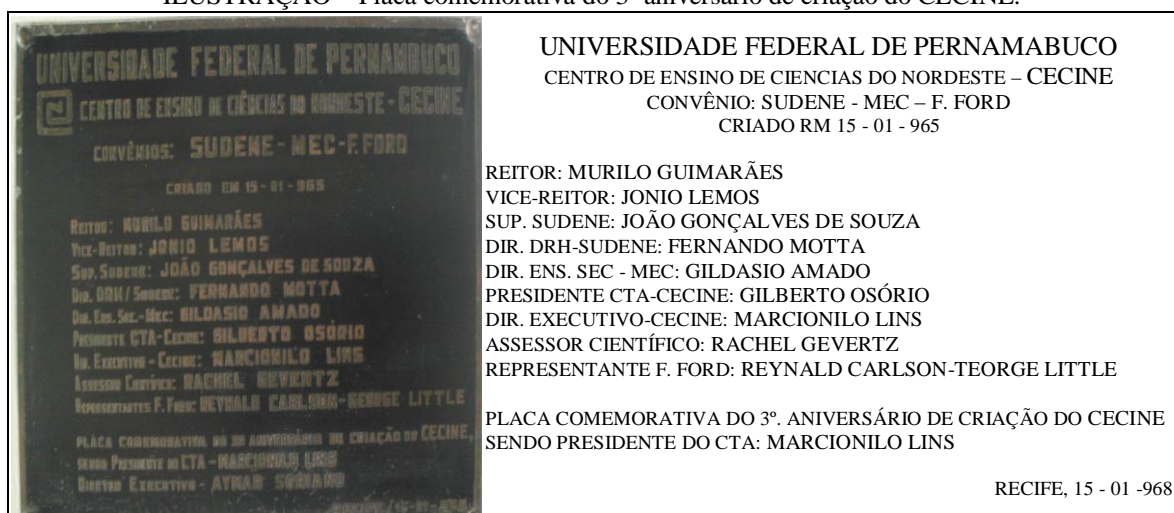
[...] A Universidade, através dos seus poderes competentes Conselho de Curadores, Universitário e Reitoria, apoiou a ideia do Recife ser o local onde, promovendo o espaço adequado à instalação do Centro na área do Instituto de Química em 2 pavilhões a serem imediatamente construídos. O Reitor, prof. Murilo Guimarães, entusiasmado em estimular os convênios e com a visão larga que tem sobre os problema do desenvolvimento da Universidade, determinou urgência na efetivação das ideias que hoje vemos concretizadas, com um apoio substancial da Fundação Ford para sua implantação no valor de 150 mil dólares e um convênio com a Sudene no valor de 31 milhões de cruzeiros e auxílio global da U.R.⁵ de cerca de 240 Milhões de cruzeiros, incluindo a construção dos pavilhões. (LINS, 1965, p. 10).

A julgar pelo seu relato no JC, essa movimentação promovida pelo prof. Marcionilo foi o que provocou a criação dos CECI's nacionalmente. Tal relato elucida a questão do porquê o CECINE foi criado em 1963 e também por que os demais CECI's foram nele inspirados. A proposta era criar no Recife um Centro de Ensino, similar ao IBECC em São Paulo, que deveria abranger todo o Nordeste, porque a SUDENE operava ações regionais e, sendo assim, não teria sentido apoiar apenas a ação em Pernambuco. Portanto, as iniciativas tomadas pelo prof. Marcionilo datam de 1962/1963, pois as articulações

⁵ Universidade do Recife (U.R.), denominação da UFPE à época.

tomaram tempo até que a ideia fosse absorvida e transformada em ação concreta. Percebe-se, na entrevista, que a UFPE se engajou na proposta, haja vista o valor investido na construção dos galpões como parte das ações dedicadas ao ensino básico. O CECINE foi o único dentre os demais centros, criados mais adiante, que se instalou em local próprio. Na CECINE encontra-se a placa comemorativa do terceiro aniversário da criação do Centro e destaca os gestores envolvidos na iniciativa.

ILUSTRAÇÃO – Placa comemorativa do 3º aniversário de criação do CECINE.



FONTE: Arquivo pessoal do professor Ascendino Flávio Dias e Silva.

Dentre as articulações promovidas pelo professor Marcionilo Lins registram-se aquelas relativas ao envolvimento do MEC e da SUDENE apoiando a criação do CECINE. Nesse sentido, os cursos realizados em capitais do Nordeste foram estimuladores para que os professores locais criassem outros centros de estudos de ciências. É o caso do Centro de Ciências e Matemática (CECIM) na Paraíba que, sob a coordenação do professor Carlos Ovídio Lopes de Mendonça e em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, foi criado em 15 de setembro de 1983, beneficiando vários projetos educacionais do estado até 1987. A extinção do CECIM é mais um exemplo da descontinuidade dos projetos causada pela mudança de administrações governamentais. O professor Mendonça coordenou outro projeto do qual levou um trabalho à Conferência Internacional de meio Ambiente (Eco-92). Criou a Escola do Meio Ambiente Walfredo Guedes Pereira, localizada no Parque Zoobotânico Arruda Câmara, popularmente denominado de Bica. Esta escola foi premiada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Esse professor relaciona outros Centros na região nordestina brasileira: o CECISE (Sergipe), o CECIAL

(Alagoas) e o CECIRN (Rio Grande do Norte). Ainda em Natal houve o CETENE (Centro de Tecnologia do Nordeste).

Uma vez criados, os CECI's iniciaram um movimento para que gestores e professores “vestissem a camisa” do projeto. Encontravam-se diante de grandes desafios. Embora o País vivesse o clima pesado do Golpe Militar, as condições de trabalho oferecidas e a novidade da proposta foram importantes para motivar e para que um trabalho positivo fosse desenvolvido. Embora a criação dos CECI's tenha sido gestada no MEC durante o Governo João Goulart, felizmente o projeto foi mantido com a chegada da Ditadura Militar, e os elementos que deram consistência ao programa dos Centros de Ciências se caracterizam pelos seguintes aspectos:

- **conteúdo:** tomou como orientação um projeto consistente formulado nos EUA;
- **experimentação:** destacou-se pela inovação, introduzindo a experimentação como componente importante;
- **equipe:** constituiu-se de instrutores de bom nível e comprometido com os objetivos;
- **parceria:** formou-se parcerias com as Secretarias Estaduais de Educação;
- **verbas:** obteve-se recursos financeiros para a implantação e operacionalização das atividades;
- **produção acadêmica:** produziu-se material didático para o público alvo;
- **sinergia:** houve interação entre os Centros, conservando-se a autonomia de cada um.

Esses elementos constituíram um sistema integrado de fatores que possibilitou a realização das atividades nacionalmente. A interação e a troca de experiência entre os participantes dos CECI's eram fortes. As produções acadêmicas resultantes dessa iniciativa registram, nas fichas técnicas, a colaboração dos diversos centros na produção didática do Programa.

Tendo em conta o material já reunido, mas não totalmente explorado, e a possibilidade de mais informação a respeito desse tema, este artigo apenas inicia uma investigação.

Referências

ABRANTES, Antonio Carlos Souza de; AZEVEDO, Nara. Raízes dos Centros de Ciências (CECIS): o IBECC e a institucionalização da ciência no Brasil. In BORGES, Regina Maria Rabello; IMHOFF, Ana Lúcia; BARCELLOS Guy Barros (Org.). **Educação e cultura científica e tecnológica: centros e museus de ciências no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 67-101.

ABRANTES, Antonio Carlos Souza de. **Ciência, educação e sociedade: o caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (FUNBEC)**. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2008.

ALBUQUERQUE, Teresa Helena Cicco de. **A ação da SUDENE para o desenvolvimento regional**. Brasília: Gráfica e Editora Independência Ltda., 1977.

BORGES, Regina Maria Rabello; SILVA, Ascendino Flávio Dias e; DIAS, André Luís Mattedi. Cultura e educação científica e tecnológica em centros de ciências no Brasil. In BORGES, Regina Maria Rabello; IMHOFF, Ana Lúcia; BARCELLOS Guy Barros (Org.). **Educação e cultura científica e tecnológica: centros e museus de ciências no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 23-40.

BRASIL. Decreto nº 34.638, de 17 de novembro de 1953. Institui a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). **Diário Oficial da União**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2844810/dou-secao-1-20-11-1953-pg-56/pdfView>>. Acesso em: 11 jul. 2008.

BRASIL. Lei nº 3.692, de 15 de dezembro de 1959. Institui a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128705/lei-3692-59w>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

BRASIL, SUDENE. **Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste I. 1961/1963**. 2ª. ed. Recife: Divisão de Documentação, 1966.

BUARQUE, Cristovam. **Foto de uma conversa** – Celso Furtado e Cristovam Buarque, Paris, 8 de março de 1991. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BUFFA Ester; NOSELLA, Paolo. **A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DIAS, André Luís Mattedi. História e Memória: algumas questões para a historiografia da Matemática. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, 7., Guarapuava. **Anais...** Guarapuava: SBHMat: UNICENTRO, 2007, p. 143-161.

DIAS, André Luís Mattedi. O Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia: atividades matemáticas (1960-1968). In **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.4, p.1049-1075, out.-dez. 2008.

FREIRE, Inês Angélica Andrade; DIAS, André Luís Mattedi. Seção Científica de Matemática do CECIBA: propostas e atividades para renovação do ensino secundário de matemática (1965-1969). In **Bolema**: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro - SP, volume 23, n. 35B, p. 363-386, abr. 2010.

FURTADO, Celso. **O longo amanhecer**: reflexões sobre a formação do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LINS, Marcionilo de Barros. Instituto De Ciências Vai Formar Mestres Em Químicas. In *Jornal do Commercio (JC)*, 17 de janeiro de 1965, p.10.

MACENA, Marta Maria Maurício. **Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB)**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro – SP, 2013.

RAW, Isaías. Apresentação. In **PSSC** (Physical Science Study Committee) – Física, Parte I. Tradução: Abrahão de Moraes [et. al.]. 6. ed. São Paulo: EDART, 1970.

SILVA, Beatriz Coelho. Breve história do CECINE: como a verdade científica virou dúvida e experimentação. In BORGES, Regina Maria Rabello; IMHOFF, Ana Lúcia; BARCELLOS Guy Barros (Org.). **Educação e cultura científica e tecnológica**: centros e museus de ciências no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 117-132.